



ARGENTINA: TERMINAL DE ROTAS NO ATLÂNTICO – SUL

Therezinha de Castro

PAÍS DAS ÁGUAS E DOS DESERTOS

A Argentina é, depois, do Brasil (8.513.844 km²), o segundo país da América do Sul em superfície, ocupando uma área de 2.791.810 km². De forma triangular, com o vértice apontando para o sul, possui fronteiras com o Uruguai (495 km), o Brasil (1.132 km), o Paraguai (1.699 km), a Bolívia (742 km) e o Chile (5.308 km) numa extensão linear de 9.376 km, centrado na área geoestratégica do Cone Sul.

Seus 3.800 km de litoral abrangem as áreas banhadas pelo oceano Atlântico, incluindo as dos rios da Prata e Uruguai. A fachada argentina apresenta dois tipos fundamentais de costas — o Patagônico e o Pampeano. O setor Patagônico, da ponta Rúbia para o sul, até o estreito de Magalhães é alto e sinuoso. Já o setor

Pampeano, seguindo da ponta Rúbia para o norte, até o delta do Paraná, é plano e não apresenta quase acidentes. Nesse setor, o rio da Prata constituiu-se, na realidade, no terminal de rotas internacionais que demandam ao Atlântico Sul; a partir dos 35° de latitude, os portos argentinos vivem quase que exclusivamente em função da navegação de cabotagem.

O Prata é um braço de rio, considerado o mais amplo do mundo, formado pela confluência do Paraná e Uruguai. Permite o acesso a um sistema fluvial cuja bacia, no seu conjunto, abrange 4.350.000 km². Seu comprimento é de apenas 275 km, alcançando em sua largura máxima, cerca de 220 km; sua foz não pode ser classificada como estuário nem golfo, representando, no entanto, um tipo misto de ambos (Mapa 1).

FOZ DO PRATA



ARGENTINA (POSICIONAMENTO)



Oro por Theresezinha dos Carlinhos

O leito inferior do Prata apresenta numerosos bancos, onde a profundidade é de cerca de 2 metros; entre eles, os canais utilizados pelos navios apresentam 20 metros, e o que atinge Buenos Aires, numa extensão de 200 metros, tem que ser constantemente dragado. As águas do Prata são doces, desde sua nascente até a foz do rio Samborombón, pertencendo ao sistema Platino os rios Paraguai, Paraná e Uruguai, todos com suas nascentes no Brasil.

O curto trecho da margem direita do rio Paraguai pertencente à Argentina, entre os cursos do Pilcomayo e Paraná, é baixo e inundável. O Pilcomayo e o Bermejo são seus únicos afluentes de regime permanente que cortam a planície seca do Chaco. Já o rio Salado não tem curso bem definido, pois desaparece em vários locais por onde corre formando braços secundários e lagunas.

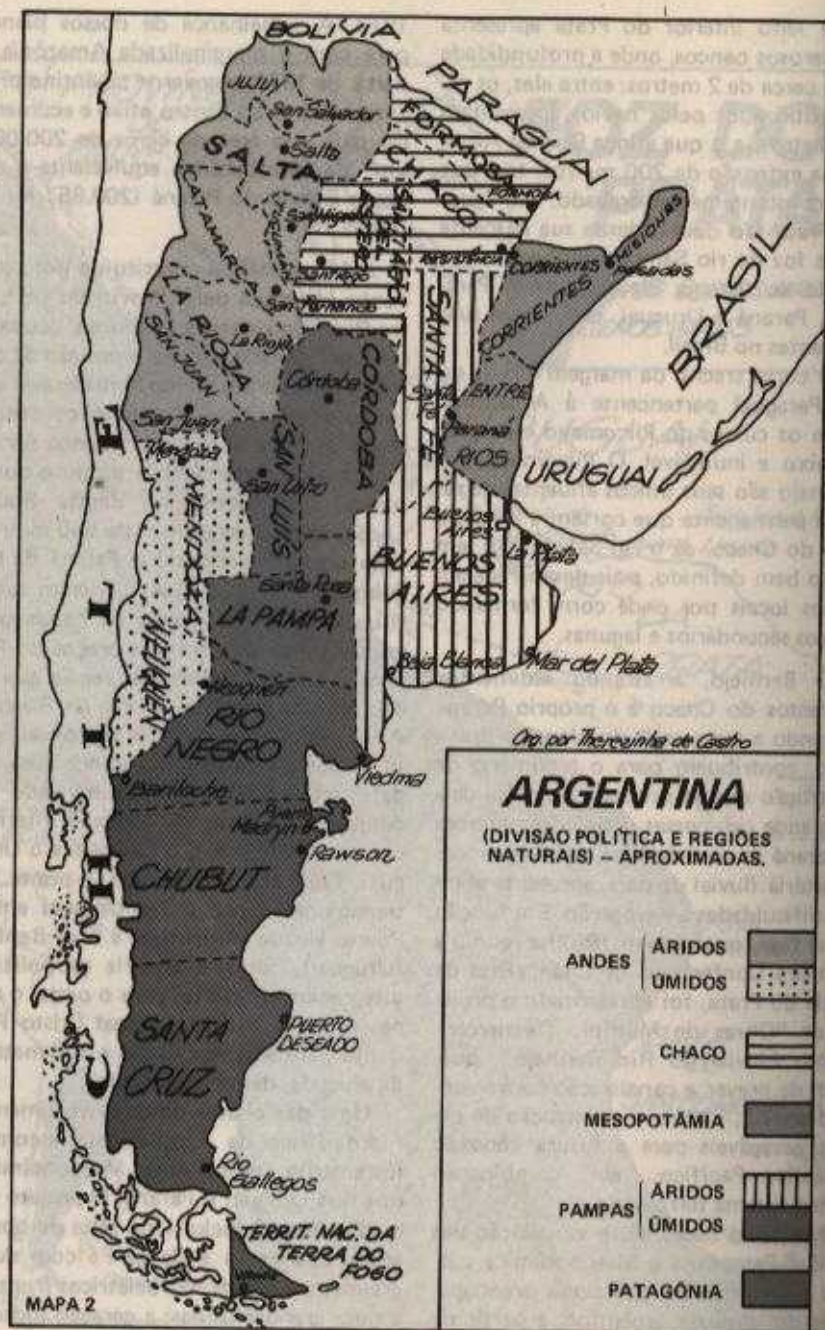
O Bermejo, arrastando sedimentos barrentos do Chaco e o próprio Paraná trazendo a terra roxa do planalto Brasileiro, contribuem para o fenômeno de obstrução que se processa no delta deste grande rio; nessas condições, embora o Paraná se constitua na mais importante artéria fluvial do país, apresenta grandes dificuldades à navegação. Em função desse fato, quando em 1967 se reuniu a Primeira Conferência de Chanceleres da Bacia do Prata, foi apresentado o projeto de "Obras do Múltiplo Desenvolvimento Fluvial do Rio Bermejo", que, além de prever a canalização conveniente deste rio, incluiu a construção de canais navegáveis para a futura conexão Atlântico-Pacífico, em combinação com o sistema ferroviário.

No plano nacional, a vinculação das regiões Pampeana e Mesopotâmica passou a ser uma das principais preocupações do governo argentino a partir de

1976. À semelhança de nossos planos para com a marginalizada Amazônia a partir de 1970, o governo argentino procura integrar ao centro ativo e ecumano do país essa área de cerca de 200.000 km² da Mesopotâmia equivalente a do nosso Estado do Paraná (200.857 km²) (Mapa 2).

A Mesopotâmia constituída por uma cunha integrada pelas Províncias de Entre Rios, Corrientes e Misiones, ocupando lugar de destaque na produção de cítricos e arroz, possuindo considerável estoque de gado bovino e ovino, constituiu-se no empório avícola de Buenos Aires. Para melhor intercâmbio surgiu o complexo rodo-ferroviário Zárate—Braço Largo, onde duas pontes de 550 metros cada uma atravessando o Paraná de las Palmas e o Paraná—Guazú, vieram substituir o obsoleto sistema de balsas que cruzavam os dois grandes braços do Paraná (Mapa 1). Assim, essa região que se encontra a somente 80 km de Buenos Aires passou a ser o elo de entroncamento da Mesopotâmia com grande área do país, integrando-se, por outro lado ao conjunto de obras de conexão internacional com o Brasil, o Paraguai e o Uruguai. Com este último país, a ponte internacional sobre o rio Uruguai entre Puerto Unzue (Argentina) e Fray Bentos (Uruguai), toma a diretriz geopolítica integracionista norte; para o oeste, o túnel rodoviário internacional Cristo Redentor, situado nos Andes a 300 metros de altitude, demanda o Chile.

Uma das chaves do desenvolvimento hidroelétrico da Argentina se encontra justamente nessa área Mesopotâmica dos rios Uruguai e Paraná. O projeto do médio Paraná inclui uma série de obras entre Corrientes e Santa Fé com duas grandes barragens hidroelétricas frontais e duas grandes usinas; a geração hidro-



létrica alcançará 35 milhões de kw/hora/ano. Em dados comparativos o dimensionamento das obras do médio Paraná equivale a 13 vezes Futaleufú (na Província de Chubut), a 8 vezes El Chocón (na Província de Neuquén), a 4 vezes Salto Grande, igualando-se a soma de energia que corresponde à Argentina de Corpus e Yacyretá, Roncador, Garabi, San Pedro como também Salto Grande.

A construção da usina de Salto Grande, em conjunto com o Uruguai, demandou só no período 1976-78 um investimento de cerca de 850 milhões de dólares dos quais 55% corresponderam à Argentina; esse projeto, que data de 1946, inclui ainda melhor aproveitamento da navegabilidade. Por outro lado, em 1969, após 40 anos de estudos, a Comissão Paraguai-Argentina concluiu sobre a viabilidade de Yacyretá, na zona dos rápidos de Apipé, que além da energia visa a favorecer, através de comportas, a navegação local para embarcações até 12 pés de calado, como ainda um canal de derivação até o rio Uruguai. Pouco acima projeta-se Corpus, na fronteira com o Paraguai, como também Roncador (Misiones) e Garabi (Corrientes) na zona litorânea do Brasil.

Os demais rios argentinos dignos de menção já se apresentam como tributários diretos do Atlântico: são os rios Patagônicos de regime nival, provenientes da região Andina.

O rio Negro constitui-se na outra grande fonte hidroelétrica do país. O represamento do rio Limay formou El Chocón, lago artificial com capacidade máx. de 20.000 hectolitros cúbicos, o dobro do que apresenta o lago natural de Nahuel-Huapi; enquanto a construção do dique compensador de Arroyito promete tranquilidade às populações instaladas água abaixo de El Chocón.

Nas imediações, para regularizar e evitar as enchentes do rio Neuquén instalou-se Planície Bandeirita, produzindo energia de 450 nw.

A Argentina é de fato um país de características originais em recursos hídricos, apresentando em certas áreas grande quantidade d'água, enquanto outras regiões são desérticas ou áridas. Assim, para o país das águas e dos desertos, em projeto ou estudos destacam-se no Plano Energético as usinas seguintes:

Usina	Região	Potência (nw)
Yacyretá	Fronteira	2.700
Corpus	Fronteira	—
Roncador	Fronteira	1.500
Garabi	Fronteira	1.098
Piedra del Aquila	Neuquén	1.590
Pichi-Picún-Leufú	Neuquén	300
Michihuau	Neuquén	600
Colón Curá	Neuquén	700
El Chihuido	Neuquén	1.875
La Leona	Santa Cruz	—
Barrancosa	Santa Cruz	—
Cordón del Plata	Mendoza	1.480
Los Blancos	Mendoza	420
Panamá-Médio I e II	Entre Rios e Corrientes	2.304

Fonte: *Informação Econômica de Argentina nº 108 - junho/agosto 1980 - Ministério da Economia (Secretaria de Programação e Coordenação Econômica).*

Observa-se assim, dentro do contexto geral, que a Argentina apresenta um panorama bem equilibrado quanto à demanda e oferta energética total; conta,

por outro lado, com dotação de recursos, tanto renováveis quanto não renováveis. No entanto, a localização geográfica dos recursos não é, por outro lado, a mais conveniente, já que os centros de produção se encontram afastados dos principais centros de consumo, encarecendo, pois, consideravelmente o seu aproveitamento pela alta incidência do custo do transporte.

São abundantes as formações lacustres no país. No norte, o mar de Chiquita é a mais importante, com área avaliada em 1.000 km² aproximando-se da do município do Rio de Janeiro (1.356 km²), maior, portanto que o mar Morto. Localiza-se em Córdoba e Santa Fé, e sua profundidade nunca ultrapassa 2,80 metros. Lago salgado, seu grau de salinidade varia quando coleta maior ou menor quantidade de águas; no período em que suas águas baixam apresenta-se com 176% de salinidade.

Nas imediações do Prata são numerosas as lagunas de água doce, embora bem mais importantes sejam os lagos dos Andes Úmidos que se estendem desde os 38^o de latitude até a Terra do Fogo. De origem glacial tectônica, ocupam depressões formadas por movimentos que originaram o sistema Andino.

O Nahuel-Huapi, com superfície de 550 km² apresenta profundidade de 440 metros; encontra-se ao lado de outros lagos menores no Parque Nacional que leva o seu nome (7.850 km²), onde se situa o centro turístico de San Carlos de Bariloche, muito procurado pelos que praticam esporte de inverno. O lago Buenos Aires, com 2.240 km², é o maior dentre os encontrados nos Andes Patagônicos, na fronteira com o Chile, pertencendo à Argentina apenas 88 km² de sua superfície. A 217 metros de altitude, está em local bem mais baixo

que o Nahuel-Huapi (767 metros), localizando-se em local cognominado de "Coração da Suíça Argentina". Já o lago Argentino (1.540 km²), o mais meridional do país, a 200 metros de altitude, recebe grandes blocos de gelo dos setores andinos mais altos, ligando-se ao lago Viedma (1.220 km²) através do rio Leona.

Tendo em vista a existência dessa riqueza aquática constituída por lagos e rios que escalonam os Andes através da fronteira entre o Chile e a Argentina, os dois governos chegaram a um entendimento em agosto de 1971. Ficou então estabelecido que a utilização dessas águas se fará sempre de forma construtiva e razoável; neste sentido, os dois países procurarão "evitar qualquer forma de contaminação dos sistemas fluviais e lacustres, preservarão os recursos ecológicos e fontes comuns nas zonas de suas respectivas jurisdições". O sistema de consultas periódicas, pré-estabelecido na ocasião, tenderá a evitar conflitos.

Considerando-se que aproximadamente 50% do território argentino corresponde às zonas áridas e semi-áridas, com precipitações compreendidas entre zero e 500 mm, podemos bem avaliar o valor geoeconômico representado pela hidrologia do país. Nestas condições, exercem papel preponderante as becas artesianas de Bahia Blanca e Córdoba, ao lado de outras espalhadas pela planície Pampeana. Grande parte da agricultura subsiste em função dos moinhos que extraem água do subsolo; enquanto que o grande vazio demográfico da Patagônia está em boa parte condicionado à falta de água potável.

Contrastando, pois, com a grande quantidade de água existente em certas áreas, a Argentina apresenta verdadeiros desertos, denominados vulgarmente de

passo de Upsalata é hoje aproveitada pela ferrovia transcontinental que, partindo de Buenos Aires, atinge Mendoza e chega a Santiago do Chile. Por sua vez, a quebrada ou passo de Humahuaca, permitindo chegar ao altiplano Boliviano, recebeu os trilhos de uma ferrovia ligando a Argentina, a Bolívia e o Peru; esse passo é geoestrategicamente importante, por levar a Argentina até a área de Charcás, zona de desenvolvimento andina por seus recursos minerais, seu clima temperado, caracterizada como o "heartland" da América do Sul pela imunidade que apresenta contra ataques marítimos diretos.

As jazidas de bório encontradas na Puña são, segundo estudos recentes, estimadas em 250.000.000 de toneladas, consideradas por isso como as mais importantes do mundo, pois têm capacidade para abastecer durante 500 anos o mercado internacional, desde que o consumo se mantenha na faixa das 500.000 toneladas. Muito embora a localização geográfica dessas jazidas as afaste das grandes fontes de consumo, as remessas mais importantes do setor de minerais não metalíferos corresponderam, em 1979, a boratos de sódio totalmente compradas pelo Brasil. Ainda dessa área, auxiliada pela produção de outras, a Argentina exportou sal comum, bentonita e mica. (Mapa 3).

Das Províncias de Jujuy até La Rioja, envolvendo Mendoza e, mais para o norte, Santiago del Estero e Córdoba, as principais jazidas em atividade no setor dos minerais metalíferos exportaram desde a prata metálica ao chumbo em lingote e filamentos de tungstênio para a Europa e países americanos, tendo o Brasil se sobressaído como importador de lingotes de zinco.

Tida como uma das maiores reservas de minérios do mundo, em grande parte



por explorar, a promulgação da lei de nº 22.095 de Promoção Mineira, em outubro de 1979, visa a manter vasto e constante desenvolvimento da mineração. (Mapa 4)

A bacia petrolífera Jujuy-Salta é bastante promissora. As grandes espessuras das bacias sedimentares aí existentes, ultrapassando capeamentos estratigráficos de 10.000 metros, exigiram perfurações de 3.000 a 4.600 metros para se atingir o lençol petrolífero. O Poço nº 6, perfurado em Campo Durán, com rendimento de 150 m³ diários permitiu que a partir de 1951 começasse a ser explorado, pelo YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales), uma potente bacia com pro-

PETRÓLEO



ção entre 420 e 550 m³ diários de petróleo e 700.000 a 1.080.000 m³ diários de gás. Graças ao fator promissor, embora distando a região 1.500 km dos principais centros de consumo, o governo argentino construiu, para o escoamento dessas riquezas, um oleoduto de Campo Durán até San Lorenzo e um gasoduto até Buenos Aires.

Salta domina essa rica região quase que despovoada. Fundada por Fernando Lerma em 1582, relíquia colonial do país, viveu no passado do intercâmbio do ouro e da prata com o Peru. Foi a "Voz do Deserto" na luta pró-independência, quando os saltenhos tiveram a liderança de Martín Güemes. Desde 1966 o CODESA (Conselho do Desenvolvimento de Salta) procurou integrar ao país essa rica região marcada por profun-

do de desequilíbrio com as outras. Salta aspira crescer tanto comercial quanto industrialmente. O artesanato representado pelos tecidos de vicunha, lama e ovelha funciona ainda ao impulso da água dos moinhos; enquanto a indústria vitivinícola já se vale das centrais hidroelétricas e térmicas. (Mapa 3)

A produção vitícola se concentra na região de Cuyo, envolvendo as Províncias de San Juan e Mendoza com 93% do total, ficando os restantes 7% nas Províncias de Rio Negro, La Rioja, Catamarca, Salta e Jujuy. (Mapa 2). Da uva produzida, 95% se destina à elaboração de vinhos em aproximadamente 2.000 adegas, a maioria delas instaladas em Mendoza. Encontra-se a Argentina entre os cinco primeiros melhores produtores de vinho, ao lado da França, da Espanha, da Itália e da Rússia; destacando-se, em especial, por ser um dos poucos países vitícolas, que por suas condições ecológicas é capaz de produzir vinhos genuínos, ou seja, sem a chaptalização sem agregados de açúcar aos mostos.

A siderurgia, embora recente na região, vem proporcionando o desenvolvimento de Jujuy. Isso graças à lei nº 12.987, a lei Sávio de 1947, que estabeleceu para a Argentina uma linha mais clara de política siderúrgica, destinada a alcançar o auto-abastecimento. Embora não possua minério de ferro em grande quantidade, nem carvão de alta qualidade, as instalações costeiras permitiram o acesso marítimo e fluvial das matérias primas para a maioria das empresas, apesar do obstáculo que representa ainda a entrada ao rio Paraná. Por isso, de um modo geral, nessa região Andina interiorizada predominam as indústrias mais antigas ligadas às atividades agrícolas, desenvolvidas nos solos favoráveis ao

cultivo intensivo de produtos tropicais, entre os quais o da cana de açúcar.

A produção açucareira concentra-se, em especial, nas Províncias de Tucumán e Jujuy; as duas contribuem, respectivamente com 64% e 23% da produção total, absorvendo 62% e 21% da mão de obra ocupada pela atividade. Nesse setor, a mão de obra é parcialmente local já que predomina a imigração golondrina, com pessoas que não se radicam de forma permanente, procurando essas áreas de tempos em tempos segundo as necessidades de trabalho.

De San Juan para o norte, a população se aglomera de um modo geral nos oásis de culturas de fumo e da cana de açúcar. Dadas às particularidades climáticas da região, a indústria do fumo achase implantada nas Províncias de Salta, Jujuy, Tucumán, Catamarca, estendendo-se para o Chaco, norte de Santa Fé, Misiones e Corrientes; moram em torno destas lavouras cerca de 40.000 produtores. Na área dos Andes Áridos propriamente dita a densidade populacional vai diminuindo segundo a maior ou menor quantidade e qualidade de terras próprias à agricultura intensiva.

Os Andes Meridionais, com altitudes menos elevadas que as do norte, graças a erosão glaciária mais ativa, já se apresentam com maior umidade e, por conseguinte, com paisagens florestais. Os numerosos lagos andinos, já citados, circundados por bosques de coníferas cercados por montanhas nevadas, transformaram-se em centros turísticos e paraíso para a pesca esportiva da truta e do salmão. O governo argentino mantém aí várias estações de piscicultura para a proteção das espécies; por isso de 15 de abril a 31 de outubro de cada ano fica proibida a pesca por ser época da procriação.

A pesca comercial de água doce realizada nos lagos e rios é ainda insignificante, se comparada com a marítima. Por sua vez, a fauna marítima é também pouco aproveitada, se levamos em conta que apenas 10% do potencial pesqueiro se concentra nas águas do norte (área Bonairense), tanto na plataforma continental como no talude argentino.

Em 1966, Walter Herwing, do Instituto de Investigações Pesqueiras da Alemanha Ocidental, estudando a região litorânea argentina, quer na área Patagônica, quer na área Bonairense, concluiu que este país poderia, à semelhança do Peru, transformar-se em potência pesqueira. Embora a 5 de janeiro de 1968 o governo argentino tenha decretado a distância de 200 milhas para a extensão de suas águas territoriais, a produção pesqueira continuou seguindo pequeno ritmo de crescimento.

Desembarques Totais em Termos de Pesca	
Ano	Volume (Toneladas)
1975	199.068
1976	236.206
1977	369.433
1978	504.135
1979	605.100
1980	805.511

Fonte:

Informação Econômica da Argentina nº 108 - junho/agosto 1980 - Ministério da Economia (Secretaria de Programação e Coordenação Econômica).

Das pescarias efetuadas em 1979, 65% foram desembarcadas no porto de Mar del Plata, calculando-se que com a atual política pesqueira a atividade seja descentralizada convergindo para portos do sul entre os quais Puerto Madryn,

Puerto Deseado, Quequén e o complexo pesqueiro de Bahía Blanca. Em se tratando do peixe resfriado, os desembarques diretos em portos brasileiros, pelo regime denominado "Plano Varrido", determinam a importância na tonelagem total das exportações em 1979.

A tradição e hábitos alimentares da população argentina — com grande domínio no consumo de carne bovina, determina o baixo consumo interno, justificando as exportações não só para o Brasil como para os Estados Unidos, Itália, França e até para o Japão.

O encontro da corrente Brasileira (quente) com a corrente das Falklands (fria) favorece as condições pesqueiras no litoral argentino, graças ao plancton animal e vegetal que transportam para o local. A merluza, pelo seu valor econômico, é a espécie mais procurada (50% do total pesqueiro), seguindo-lhe o atum, a pescadinha e mariscos. Na pesca fluvial o sável representa 84% da produção, vindo em seguida o surubi, o robalo e o dourado; o rio da Prata fornece a maior quantidade de peixes (38%), vindo em seguida o Paraná (30%) e o Uruguai (24%); nos lagos a pesca alcança somente 8% do total.

O Chaco, Formosa e a Mesopotâmia (Entre Rios, Corrientes e Misiones) formam, em conjunto, a região subtropical na fronteira com o Paraguai, o Brasil e o Uruguai. (Mapa 2)

Misiones forma uma cunha entre o Brasil e o Paraguai delimitada pelos rios Paraná e Uruguai. Graças à estação seca e chuvosa bem definidas é a zona das grandes florestas temperadas, onde os argentinos exploram a erva-mate, bebida nacional por excelência. No entanto, a araucária, prolongamento do complexo florestal brasileiro, é a que fornece melhores perspectivas econômicas. Os bosques, cobrindo 22% da superfície total

do país, apresentam também grandes reservas no Chaco. As possibilidades econômicas desta região se apresentam maiores ou menores de acordo com as precipitações, que vão diminuindo de 200 milímetros a cada 100 km que caminhamos para o oeste. Nestas condições, nas margens direitas dos rios Paraguai e Paraná se estende uma faixa florestal com cerca de 400 km de largura; é a zona do quebracho (branco e vermelho), do lapacho e da algarobeira. Do quebracho vermelho, a espécie mais procurada, é extraído o tanino com aplicações industriais na farmacologia, curtume e corantes; a algarobeira é também fornecedora de tanino, enquanto o lapacho é madeira tintorial.

Em seguida a essa zona, surgem os bosques de palmeiras onde abundam os carandaís, estendendo-se até as imediações do mar de Chiquita; o carandaí é palmeira também encontrada na Amazônia, onde tem o nome de buritirana. Nesta região dos palmeirais os solos aluvionais favorecem boas colheitas de algodão e milho intercalando-se os pastos para as atividades pecuaristas.

Em Misiones não existem aglomerações urbanas de grande destaque; a população se encontra dispersa pelas colônias pioneiras selva a dentro. A capital da Província se localiza em Posadas, centro portuário no rio Paraná, ponto de contacto internacional com Encarnación no país vizinho, o Paraguai.

A Província de Corrientes domina as planícies da Mesopotâmia, que nunca ultrapassam os 100 metros de altitude; com paisagens de palmeiras e savanas, é zona de criação por excelência, principalmente nas pradarias de banhados, pantanais cobertos por vegetação que serve de alimento ao gado e terras próprias à cultura do arroz. Localizada na zona de

confluência dos rios Paraná e Paraguai, a cidade de Corrientes constituiu-se em porto fluvial de contacto com Assunção, capital paraguaia, e o centro intermediário de Formosa. Geminada com Corrientes, Resistência combina as atividades algodoeira-pecuarista, perdendo em vitalidade para o porto de Paraná, mais próximo dos grandes centros Pampeanos, fenómeno idêntico que ocorre entre Santa Fé e o bem melhor posicionado porto de Rosario. No interior, Santiago del Estero deve sua existência ao posicionamento que ocupa na diagonal fluvial dos rios Salado e Dulce.

Do posicionamento que se observa nas cidades do Chaco, Formosa e Mesopotâmia nota-se a característica função geohistórica dos vales como elo de comunicação, numa inversão geopolítica do que ocorre na zona Andina que lhe é contígua, onde a tônica é o cantonalismo. Conseqüentemente, a zona plana, que se constituiu em palco de invasões e disputas fronteiriças, contrasta com o fator geoestratégico da região contígua, mais protegida com a presença da cordilheira.

O território argentino constituído pelo Chaco-Formosa e Mesopotâmia, na área arribenha do Prata, hoje objeto de cuidadosa integração, se constituiu na zona de entre-choques forjada desde o Congresso de Tucumán (1813). Zona de entre-choques atraída: pelo sistema de federal defendido por Córdoba que representa hoje os Pampas Áridos e, do outro lado, pelo sistema unitário de Buenos Aires na entrada dos Pampas Úmidos. Zona de entre-choques contígua aos Andes Áridos, atraída pela região de Charcas, com a qual sempre teve maior relacionamento do que com a própria Buenos Aires. São as "Provincias Átomos", de que fala Justo J. de

Urquiza em sua Mensagem ao Congresso (1854), "sem coesão nem grande valor social, que sobrenadam nesse imenso espaço". Essas áreas subdesenvolvidas da Argentina, hoje em processo de integração, teriam suas populações, segundo Urquiza, "melhor colocadas em qualquer porção de algumas das Províncias do litoral". Mais do que o centripetismo geopolítico de Buenos Aires, este pensamento caracteriza o destino manifesto atlântico da Argentina, num contexto bem semelhante ao do Brasil.

O núcleo histórico e o ecúmeno estatal argentino se encontram numa imensa planície, desprovida de árvores, denominada Pampas. Contrastando com as demais regiões naturais do país, constituiu-se na mais fértil zona aproveitada, estendendo-se por 645.000 km² com altitudes que variam do nível do mar aos 20 metros apenas; aliás, Pampas no idioma dos indígenas quíchuas, significa planície.

A área Pampeana que circunda a bacia do Prata é úmida. Estão concentrados aí 2/3 da população total do país estimada, em outubro de 1980, em 27.863.000 habitantes numa densidade de 10 habitantes/km². Concluindo-se que cerca de 68% da população se aglomera num raio de 700 km em torno de Buenos Aires, em setor que não chega a representar 22% da superfície nacional.

Trata-se de zona onde a população é a mais urbanizada da América Latina, com 79% vivendo nas cidades e apenas 21% no campo. Notando-se aí também que a Argentina é o país mais branco do continente; cerca de 97% do efetivo populacional descende dos espanhóis ou de fortes contingentes imigratórios liderados por italianos, que a partir de 1860 passaram a entrar regularmente no país. Por outro lado, enquanto, o contingen-

te indígena foi quase que totalmente dizimado, dado o seu caráter belicoso e animosidade com o elemento colonizador, o elemento negro não foi levado para o país, pois, além de não se adaptar ao clima, a região, nos tempos coloniais foi criadora, sem se dedicar às grandes plantações que exigiam escravos africanos.

Nos Pampas Úmidos são explorados 9/10 das culturas do país, graças as facilidades dos transportes, boa distribuição de chuvas e, sobre tudo, pelo fato de ser seu solo constituído por fôess, sedimentos fluviais e cinzas vulcânicas.

A cultura de cereais, dentre as quais a do trigo, que tornou a Argentina um dos abastecedores mundiais, se circunscreve quase que totalmente a esta área. Segundo dados da Secretaria de Programação e Coordenação Econômica do Ministério da Economia da Argentina, nesse país o rendimento em média do trigo está crescendo, anualmente, à razão de 57 kg/hectare ano, superando a cifra dos demais produtores, o mesmo acontecendo com a soja com crescimento de 100 kg/hectare ano; em milho e sorgo granífero os incrementos no rendimento médio colocam-se na vanguarda dos principais concorrentes do país. Ao lado do Canadá, a Argentina se classifica como o 2º país produtor de proteínas (160 kg/habitante), só sendo superada pelos Estados Unidos (203 kg/habitante).

Transformando-se em país exportador de alimentos, estes resultados foram obtidos na Argentina dentro de um sistema de produção onde é menor a dependência dos derivados do petróleo, visto que foi o gado bovino que permitiu manter e sustentar os níveis de fertilidade do solo.

Num estudo comparativo depreende-se que 65% do gado bovino e 75% do

suíno se concentram na região Pampeana (Província de Buenos Aires, Córdoba e Santa Fé), enquanto na zona Patagônica (Províncias de Rio Negro e Neuquén) se localiza quase a metade do gado lanar. Nos Pampas a atividade pecuarista não se reduz no inverno, fenômeno que ocorre em outras áreas da Argentina e importantes países criadores do mundo. Por outro lado, o fator rotatividade empregado ao binômio agricultura-criação permite mais amplo aproveitamento; isto porque o descanso que se dá a um campo após determinada colheita permite, nesse período, o aparecimento de forrageiras de alto valor alimentício para o gado.

Em se tratando das exportações de produtos cárnicos, segundo dados da Junta Nacional de Carnes, foi o Brasil o principal mercado para a Argentina (76.104 toneladas em 1979), seguido pela Inglaterra (42.198 toneladas) e República Federal da Alemanha (38.548 toneladas). Do valor total produzido por esta atividade mais de 66% corresponde a Buenos Aires e à Capital Federal, enquanto 17% é proporcionado por Santa Fé; concluindo-se, pois, que, do total produzido no país, mais de 80% provém dos Pampas Úmidos.

Concentram-se na região Pampeana as mais ricas estâncias argentinas que diminuem de importância à medida que caminhamos para os Pampas Áridos, onde a isoietia começa a marcar 500 mm de chuvas. No conjunto, é esta a paisagem do gaúcho, excelente vaqueiro, guardião dos rebanhos pampeanos, que, pelo tipo de vida e trabalho, ou mesmo vestuário, caracteriza também o interior do Uruguai e a zona da Campanha do Rio Grande do Sul, já no Brasil.

Os centros urbanos são também menos numerosos nos Pampas Áridos onde

se destacam Córdoba, San Luís e Mendoza. As principais cidades argentinas estão nos Pampas Úmidos, e de norte para sul formam um semi-círculo geopolítico centrado em Buenos Aires; são elas: Santa Fé, Rosário, San Nicolas, La Plata e Bahia Blanca.

Fundada por Luís Gabrera em 1573, numa baixada em pleno centro que tem o mesmo nome, Córdoba tem grande importância geopolítica por se constituir no "Coração Geográfico" da Argentina. Dentro do conceito do mais amplo federalismo poderia, segundo alguns estudiosos, transformar-se na capital do país, afim de corrigir o processo de macrocefalia que o amplo crescimento tem localizado em Buenos Aires. Foi, no passado colonial, ponto de passagem das riquezas (ouro e prata) que, do Alto Peru, buscavam saída pelo rio da Prata. Constitui-se hoje num importante centro de indústrias têxteis, automobilística, de materiais de ferrovias e de produtos químicos, graças ao fato de se encontrar no nó ferroviário do leque de trilhos que parte da região Pampeana Platina. Localizado em ponto nevrálgico do país, possui o Instituto de Investigação Aeronáutica e Espacial, a Fábrica Militar de Aviação e o Centro de Ensaio em Voo, instituições ligadas ao DINFIA (Divisão Nacional de Fabricações e Investigações Aeronáuticas). Com importante atividade aeronáutica aí desenvolvida, foi lançado no país (1961) o "Alfa Centáuro", primeiro foguete de pesquisa meteorológica da América do Sul. Por sua tradição cultural é cognominada a "Erudita"; atrai também numerosos turistas, muitos dos quais em busca das virtudes terapêuticas do mar de Chiquita, considerado como o "Mediterrâneo da Argentina".

Aos pés dos Andes, Mendoza é bastante movimentada por se constituir no

centro comercial de vasta área vitícola, beneficiar-se com a exploração petrolífera dos Andes Áridos, como também por servir de rota natural para o Chile. Foi fundada por Pedro del Castillo em 1561, mas por rivalidade política Jufre transferiu-a de lugar numa distância de "dois tiros de arcabuz". Cidade-oásis, mantém, a par de seu desenvolvimento industrial, uma função predominantemente agrícola, graças aos numerosos imigrantes italianos e seus descendentes plantadores de vinhedos em suas quintas tradicionais.

Ao lado da uva, a maçã e a laranja ocupam lugar de destaque na produção frutífera do país; produção, que ao lado da cereja, pêssego, pera e ameixa se encontra disseminada pelas mais variadas províncias argentinas, tendo o Brasil e Países Baixos os mais importantes mercados, absorvendo 58% do total em 1979. A maior parte, destinada à industrialização, vai para a Província de Mendoza.

San Luís, fundada por Luís Jufre y Menezes em 1549, na geoestratégica rota de trânsito entre o ocidente e o oriente do território argentino, zona de contacto entre a área serrana e a planície, tem hoje importância política ligada a função administrativa que desempenha como capital da Província do mesmo nome.

Nas margens do rio Paraná, Santa Fé, capital da Província homônima, deve seu desenvolvimento às instalações portuárias; graças a esse fato, conseguiu atrair as riquezas do vasto hinterland agropecuário, dividindo suas atividades comerciais com Rosario. Já San Nicolas desenvolve-se em função da siderurgia graças ao ferro, matéria-prima proveniente de Sierra Grande na Patagônia (entre San António e Puerto Madryn).

dividindo suas atividades com Bahia Blanca, com melhor posicionamento frente às reservas Patagônicas. Reservas nas quais se insere a jazida carbonífera de Río Túrbio, na Província de Santa Cruz, estendendo-se num território de 55.000 hectares em cinco camadas de diferentes espessuras; o carvão é transportado das jazidas pela estrada de ferro até Río Gallegos, de onde segue por via marítima para os centros de consumo do norte.

Mar del Plata vive do turismo como Bariloche no interior. Em pleno Atlântico, suas praias dão-lhe movimento no verão e seu cassino mantém-lhe o ritmo no inverno. Sobre o ponto de vista econômico surgiu como centro salineiro; hoje é o maior porto pesqueiro nacional atraindo para suas fábricas de conservas e congelados 90% do produto.

Promulgada a Lei Avellaneda (1880), Buenos Aires passou a exercer unicamente a função de capital da Argentina. Nestas condições, Dardo Rocha fundou a cidade de La Plata, que passou a ser o centro administrativo da Província de Buenos Aires. Por seu posicionamento no rio da Prata, formando grande tentáculo com a capital do país, destaca-se no setor econômico como terminal de gasoduto proveniente da Patagônia e destilaria de petróleo da YPF, a primeira a entrar em operação (25 de dezembro de 1925); dentre as seis existentes no país é a de maior produtividade (37.000 m³/dia em 1979) (Mapa 4).

A Patagônia formada por planaltos cujas altitudes vão baixando à medida que nos afastamos dos Andes em direção ao Atlântico, é região desértica e fria. No conjunto, compreende essa região 62 milhões de hectares, representando 28% da superfície do país, habitada por apenas 4% de sua população.

Comparando-se à Amazônia brasileira, a região Patagônica pode ser caracterizada como uma área de grandes espaços vazios com distribuição desigual dos recursos e apresentando, em geral, baixo nível de desenvolvimento econômico. Como na Amazônia, os pequenos grupos populacionais da Patagônia se concentram nos oásis fluviais, vales ou depressões, onde podem dispor de água potável; aí as populações da Patagônia se encontram protegidas dos fortes ventos, podendo também se dedicar a pequena agricultura de subsistência constituída sobretudo por frutas e hortaliças.

O uso do solo na Patagônia é primordialmente extensivo, excetuando-se alguns vales ou áreas irrigadas, sendo que 95% da superfície total se acha coberta por pastos naturais. Contrastando em termos de latitude com a Amazônia, as florestas Patagônicas não chegam a cobrir 5% da superfície regional. Nessas condições, a Patagônia pode ser caracterizada, em função de seu solo, clima e vegetação, como região semi-árida, de solos frouxos, profundidade variável, coberta por vegetação heterogênea de porte baixo, reverdecimento demorado e pouco valor forrageiro. Dentro, pois, do aspecto ecológico, as alternativas de produção hoje aplicadas, com exceção de algumas zonas da pré-cordilheira, dos vales do planalto e da costa, dificilmente poderão ser aumentadas. Eis, pois, a forte razão para a criação extensiva do gado como atividade mais viável, e, em função do clima, a primazia do gado ovino destinado, primordialmente à produção da lã.

Os campos locais denominados *invernada* e *veranada*, embora açotados por tempestades de inverno, apresentam pastos melhores, os *mallines*, durante o verão; nestas condições processa-se a tran-

sumância temporária de pessoas e animais, segundo as características climáticas. As raças ovinas preferidas (merino argentino ou australiano) são produtoras de lãs finas. Nas pradarias fueguínas, onde é bem maior a precipitação, a vegetação rasteira melhor favorece uma criação mais intensiva de ovinos; é aí que se destaca Ushuaia como aglomeração urbana, a mais meridional do mundo, capital da Terra do Fogo.

A semelhança do que ocorreu com a Amazônia a partir de 1970, quando o governo brasileiro resolveu integrar ao conjunto do país essa importante área marginalizada, voltava também o governo argentino as suas atenções para a Patagônia; para essa região Patagônica, que possui uma das maiores reservas econômicas do país, não só em recursos hidroelétricos como também em carvão, gás natural, petróleo e se mostra promissora em urânio. Nessas condições, segundo o Censo de 1980, foram Patagônicas as Províncias de maior crescimento relativo no último decênio assim discriminadas: Terra do Fogo (81,1%), Neuquén (56,5%), Rio Negro (46,2%), Chubut (38,1%) e Santa Cruz (35,1%).

Dentro do objetivo de recuperação econômica dessa área geopolítica neutra da Argentina se encontram os planos de expansão dos grandes gasodutos dentre os quais o denominado Centro-Oeste. Este gasoduto, visando ao aproveitamento pleno da jazida de Loma de la Lata, na bacia neuquiana, permitirá transportar o gás natural, até os centros de consumo nas Províncias de Mendoza, San Juan, San Luís, Córdoba e Santa Fé. Encontra-se, por outro lado, concluído um ante-projeto de viabilidade da instalação de um gasoduto para levar até a cidade brasileira de S. Paulo, 10.000.000

m³ diários de gás natural argentino; esse gasoduto, com 2.300 km partirá da localidade de San Jerónimo, nas proximidades de Rosario, 300 km ao norte de Buenos Aires, e cruzará a fronteira em Puerto Iguazú—Foz do Iguaçu; estando previstos dentro do Brasil dois ramais extras desse gasoduto — um de 25 km até Curitiba e o outro de 100 km até Campinas. É iniciativa bem mais arrojada o gasoduto General San Martín, em operação desde o início de 1980, através do qual os centros de consumo argentinos passam a receber, procedente da Terra do Fogo, o gás até então reinjetado ou perdido, permitindo que a nação poupe uma quantia anual de aproximadamente 140 milhões de dólares.

É, pois, o terminal de terras da Argentina que passa a contribuir, dentro do processo integracionista, para o maior progresso do país, que é terminal de rotas na América do Sul.

Comparada ao Brasil, a Argentina, segundo país em extensão no continente sul-americano, apresenta semelhanças e contrastes:

— 1ª — A Argentina que, por direito histórico do Vice Reino do Prata, já dominou, através de Buenos Aires, uma área de pouco mais de 6.000.000 km², tem hoje praticamente a superfície do núcleo geohistórico brasileiro delimitado pela linha de Tordezilhas. Hoje, detentor de 47,3% do espaço territorial sul-americano, o Brasil se articula com as duas grandes bacias continentais, tendo a Argentina o seu núcleo geohistórico e ecúmeno estatal intimamente ligado ao Prata, mas inteiramente alheia à Amazônia. Num confronto, as duas grandes bacias vão se enquadrar no duelo de posicionamento que envolve Buenos Aires e Belém, nascidas, no entanto, como bastião defensivo, portos do

Atlântico e portais de entrada para um hinterland que, se constituindo o do norte em área geopolítica neutra, contribui para a desarticulação geoeconômica do continente, enquanto que o do sul, numa zona de enlace geoestratégica, cobijada, por isso, desde o passado colonial.

— 2º — Os dois países têm a forma triangular imitando a do continente, com seu maior estreitamento voltado para o sul. No passado, o Brasil enfrentou em sua zona meridional do Prata uma zona de fricção; zona de fricção que a Argentina enfrenta, no presente, em sua área meridional da Patagônia.

— 3º — Os dois países, com vastas áreas geopolíticas neutras por integrar, não conseguiram ainda articular as diferentes peças geoeconômicas que se envolvem em seus variados territórios.

— 4º — Se os dois países se alargam ao norte, devem o fato à facilidade de penetração que a planície Amazônica deu aos colonizadores do Brasil e a do Prata aos colonizadores da Argentina.

— 5º — Enquanto o Brasil se afunila na zona temperada é precisamente nela que a Argentina mais se alarga; assim, a Argentina é o país da América do Sul que conta com maiores extensões de solos agrícolas de primeira classe.

— 6º — Em decorrência, o ecúmeno estatal argentino se encontra nessa área, precisamente nos Pampas Úmidos, e é para o sul que se estende o ecúmeno estatal brasileiro, embora bem mais ligado à faixa atlântica do que a Argentina.

— 7º — Em função desse posicionamento, o Brasil, ante o Atlântico, se concentra no limiar das grandes massas continentais do hemisfério norte, onde o oceano é mais movimentado, enquanto a Argentina, com litoral mais alijado das águas de navegação intensiva, se

constitui num autêntico terminal de rotas.

FUNDAMENTOS GEOPOLÍTICOS

A cidade de Buenos Aires, núcleo geohistórico da Argentina, foi fundada duas vezes. Pela primeira vez, em 1536, por Pedro de Mendoza, na margem direita do rio Riachuelo. Pretendiam os espanhóis impedir que os portugueses dominassem a região mas, as dificuldades materiais e constantes ataques dos índios querandins mataram o pequeno povoado de Santa Maria del Buen Aire. Em 1580, Juan de Garay fundava novamente a cidade, desta feita na margem ocidental do rio da Prata (Mapa 1). Antes de completar um século, já com o nome de Buenos Aires, dominava economicamente grande área, integrando-se no Vice Reino do Peru. A rivalidade que teria a enfrentar com a Colônia do Sacramento, núcleo português nascido em 1680, na outra margem do Prata, transformaria Buenos Aires na cabeça administrativa do Vice Reino do Prata, no século XVIII, quando o governo de Lisboa transferira por questões geoestratégicas e geoeconômicas a capital do Estado do Brasil para a cidade do Rio de Janeiro (1763), melhor posicionada que Salvador.

Centro importador de produtos manufaturados e exportador de matérias-primas, sempre viveu Buenos Aires os conflitos que se processavam entre a aristocracia rural e comerciantes urbanos. Esse conflito, que continuaria após a independência, caracterizou-se pelo partido federalista agrupando os políticos da aristocracia rural e o partido unitário mais afeito aos ideais dos comerciantes urbanos de Buenos Aires.

No período colonial, o Vice Reino do Prata englobava o território meridional do altiplano boliviano, o Paraguai, o Uruguai (onde os espanhóis já se defrontavam com os portugueses) e parte da Argentina até mais ou menos a altura do rio Negro, onde começa a Patagônia, que ficaria por muito tempo isolada como área geopolítica neutra frente à Capitania Geral do Chile.

Nos Pampas, o Vice Reino se constituía numa unidade geográfica, onde o idioma, o cavalo e o gado vacum contribuíam para forjar, no elemento humano, o sentimento nativista, atenuando os regionalismos que iam aos poucos se formando contra o centripetismo geopolítico de Buenos Aires. Regionalismo caracterizado pelo centrifugismo geopolítico, sobretudo das regiões arribenhas, que careciam de amplos mercados locais, e, necessitando do comércio exterior, não concordavam em pagar comodamente as taxas de frete para alcançar o litoral, onde dominava Buenos Aires, inundada de artigos estrangeiros.

Nestas condições implantar-se-ia a velha sistemática do contrabando. A circulação pela bacia fluvial do Prata, que forjava a união regional, era abandonada; avançavam caravanas de carretas carregadas de couro pelas desoladas planícies, procurando fugir ao centripetismo de Buenos Aires, a cidade privilegiada.

O centrifugismo das regiões interiorizadas levou o movimento de independência do Vice-Reino do Prata a não se constituir num levante de todas as populações, mas sim numa conjuração de certo modo limitada, refletindo os ideais portenhos. Esse fato concorreria para o fenômeno das autonomias provinciais, que levaria, durante o processo de independência, o Vice-Reino do Prata ao esfacelamento.

A independência do Paraguai (1811) levou Buenos Aires, para evitar o secessionismo, a concordar com o Congresso de Tucumán (1813). Nesta reunião manifestaram-se três tendências: a dos portenhos, defendendo a centralização do governo em Buenos Aires; a dos arribenhos, desejosos de uma federação comandada por Córdoba, que dominava também a área andina interiorizada; e, finalmente, a dos planaltinos, voltados para Charcas (atual Sucre) atendendo aos interesses mineiros da região que se integra hoje na Bolívia. Em meio a essas três tendências seriam rechaçados os "artiguistas" ligados à habilitação de vários portos, inclusive o de Montevidéu, para que o novo país se formasse, fugindo ao centripetismo de Buenos Aires. Talvez se as Províncias Unidas do Prata, entre as tendências secessionistas, tivessem seguido o exemplo dos Estados Unidos, e instalado uma capital artificial como Washington, salvassem a união.

Proclamada a independência oficialmente a 9 de julho de 1816, Buenos Aires procurou se impôr a toda a área do Vice-Reino no momento em que o Congresso adotava uma Constituição Federal Unitária. Tal poder de sistema centralizado vinha de encontro às aspirações rurais lideradas pelas Províncias de Corrientes, Entre Rios e Misiones; esse cantonalismo geopolítico com ameaças secessionistas de Tucumán e Córdoba, levou a Argentina a passar por um período de anarquia e guerra civil, participando da fase do caudilhismo (Mapa 5).

Chegando ao poder em 1829 Juan Manuel Rosas, as principais indústrias derivadas da pecuária passaram a ter maior desenvolvimento; protegeu também esse governo a cultura do trigo, proibindo a sua importação. No entan-



CANTONALISMO GEOPOLÍTICO (Séc. XIX)

+++++ Limites Atuais

■ República de Entre Rios (1820)

■ República de Tucumán (1821)

■ País de Cuyo (1822)

MAPA 5 *Org. por Therezinha de Castro*

to, o porto de Buenos Aires, que havia atingido o progresso por seu posicionamento privilegiado no comércio do rio da Prata, passava, nesse período, a sofrer a concorrência de Montevideú, a capital de recém-independente Uruguai (1828). A falta de balizamento do rio da Prata, bem como a maior proximidade de Montevideú do Atlântico explicam as preferências por este porto uruguaio, que passou a ser mais visitado por navios estrangeiros.

A fim de combater a concorrência, Rosas resolveu fazer uma guerra de tarifas a Montevideú, taxando em 25% os direitos a serem pagos por qualquer mercadoria que entrasse na Argentina via Uruguai. Os comerciantes portenhos, ligados aos interesses comerciais ingleses e franceses, protestaram. A França declarava bloqueado o rio da Prata ocupando a ilha de Martim Garcia, enquanto os ingleses se estabeleciam nas Malvinas (1838), mantendo-se nesse arquipélago até os nossos dias a despeito dos constantes protestos do governo de Buenos Aires.

Rosas jamais perdoaria ao uruguaio Rivera a sua participação na questão, de apoio aos comerciantes portenhos; isto, além de prejudicar Buenos Aires, levou a crise econômica a várias Províncias do país, que se revoltaram contra o governo central. Eis, pois, o motivo de caráter econômico que levou Rosas a se unir aos opositores de Rivera, ou seja, a Manuel Oribe, chefe dos Blancos, desejoso de ocupar o governo uruguaio.

Procurando neutralizar a influência argentina, o Brasil se envolveu no conflito defendendo Rivera. A guerra poria fim ao governo de Rosas, embora o caudilhismo tenha continuado a se manifestar em menor intensidade por quase meio século. Em 1853 foi outorgada ao país uma Constituição Federalista pelo Congresso de Santa Fé, embora a rivalidade entre Buenos Aires e várias Províncias se tenha estendido até 1880. O grande inspirador da Constituição de 1853 foi o jurista Juan Bautista Alberdi, que expôs também os pontos de partida para a organização econômica da Confederação Argentina. A nação entra então numa fase de progresso, aparelhando seus principais portos, fomentando a navegação no Prata, construindo

seus principais troncos ferroviários, estimulando a agropecuária com a vinda de suíços, alemães e principalmente italianos, imigrantes fundadores dos primeiros núcleos coloniais no país. Enquanto a Argentina era dotada da primeira esquadra moderna do continente.

A marcha para o sul, iniciada no governo de Rosas, adquire ritmo mais intenso na segunda metade do século XIX com a etapa de Sarmiento (1875), complementada pela de Júlio Roca (1881). É que Ushuaia, nascida em 1870, num confronto com Punta Arenas, fundada em 1843 pela expedição chilena de Manuel Buñes, se encontrando isolada do ecúmeno argentino por vasto deserto econômico e demográfico, carecia de integração. Muito embora tenha sido a Terra do Fogo partilhada em 1881, mantiveram-se na área questões em pendência em zonas de atrito representadas pela questão de Beagle com o Chile e a das Malvinas com a Inglaterra.

Na mesma ocasião, outro foco de expansionismo vital se instalava no norte do território argentino na região do Chaco, onde o Paraguai se apresentava como o contendor na área de atrito. Essa conquista, efetivada com a implantação de núcleos coloniais, entre os quais o de Resistência (1879) e Formosa (1880), complementou geopoliticamente o território argentino, estabelecendo laços de

comunicação entre Salta, que se encontrava ilhada no curso superior do rio Bermejo, e as ribeiras do Paraná-Paraguai.

Conseguidas as duas marcas, completava-se o território argentino, onde novas fases de luta que se seguiram ao governo de Hipólito Irogoyen levaram ao poder o então Coronel Juan Domingo Perón (1946-55). Este, aproveitando os recursos que o país havia acumulado durante a Segunda Guerra Mundial, iniciou a fase das nacionalizações pela compra de ferrovias e serviços telefônicos. Executando um programa de legislação social atraiu as camadas populares, agrupando-as como força política no partido peronista.

Com sua renúncia sucede-se nova fase de instabilidade política na Argentina; governos civis acusados de ligações com peronistas não chegaram ao final do mandato; deposições que se sucederam também com governos militares desde o advento de Onganía (1966), até Lanusse, que em 1972 visitou o Brasil.

Eleito pelo voto popular Perón não chegou ao fim de seu mandato, falecendo em 1974, ocorrendo então no país nova fase de instabilidade até a instalação de governos militares iniciada pelo General Jorge Vidella, que recebeu na Argentina o Presidente João Batista Figueiredo e, foi por este recebido no Bra-



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Conferencista. Entre suas obras publicadas destaca-se o livro "Rumo à Antártica" (Livreria Freitas Bastos, 1976, Rio de Janeiro), no qual advoga o direito do Brasil a uma nesga do continente antártico.

sil. Atitude tomada também pelo General Roberto Viola em 1981, ao se empossar na presidência da Argentina; a Argentina, que tem, com o Brasil, importante papel a desempenhar no Atlântico-Sul pelo posicionamento de ambos entre a zona conturbada do Caribe e a área vulnerável das vias marítimas que contorna a costa meridional da África para atingir o Índico.

O Relatório que em 1978 Roberto Campos enviou de Londres para Brasília afirma o seguinte: "Em vista do crescente risco de paralisação ou desmantelamento das áreas críticas da OTAN e da

crescente presença militar da Rússia na África, o Brasil deve ampliar seu papel militar como líder regional. Como não dispõe de recursos suficientes para desempenhar esse papel automaticamente, será necessário desenvolver planos de cooperação com os países da OTAN, África Ocidental e América do Sul, especialmente a Argentina". Mesmo porque nessa conjuntura geoestratégica o Brasil representa o papel de ante-sala em relação à parte norte do Atlântico; já a Argentina, o de anteparo no corredor vital, na zona de derramamento oceânico, como terminal de rotas no Atlântico-Sul.

